

DESIGUALDADES E DIFERENÇAS, UMA ANÁLISE DO ENADE À LUZ DO MULTI/INTERCULTURALISMO CRÍTICO

Adriana do Carmo Corrêa Fontes – PPGE-UFRJ

O Brasil, nas últimas décadas, vem confirmando, infelizmente, uma tendência de enorme desigualdade na distribuição de renda e elevados níveis de pobreza. Um país desigual, exposto ao desafio histórico de enfrentar uma herança de injustiça social que exclui parte significativa de sua população do acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania. (BARROS et al, 2000, p.123).

No Brasil, assim como, na América Latina as questões sobre desigualdades e exclusão estão alicerçadas em seu processo histórico. Falamos de países fortemente marcados por processos de subalternização, exploração e exclusão de povos considerados inferiores, após muitos anos de opressão legal e oficial, é possível traçarmos um perfil da exclusão brasileira, na medida em que não vitimiza qualquer cidadão. Podemos afirmar que a exclusão tem destinatários certos, ou seja, aqueles que se afastam dos marcadores identitários privilegiados pela classe dominante.

A citação acima retirada do Dossiê desigualdade ilustra uma situação conhecida e vivenciada por muitos brasileiros, principalmente por aqueles impedidos de acessar qualitativamente sua cidadania. Estamos nos referindo aos indivíduos que ainda não gozam de seus direitos sociais com qualidade e dignidade, estes, por sua vez, podem ser identificados por classe social, etnia, opção sexual etc. No Brasil, percebemos que a exclusão atinge com prioridade algumas identidades.

Dentre as possíveis variáveis que explicam a desigualdade, Barros et al (2000) assinala a insuficiência de renda, sujeitos que não possuem renda per capita mínima necessária para garantir sua dignidade. Certamente a limitação da renda cerceia o indivíduo e compromete seu desenvolvimento. Além da renda, as diferenças também afetam a relação dos sujeitos com a sociedade, principalmente quando hierarquizadas na lógica social, sendo assim, por vezes, identidades não valorizadas ficam a margem nos processos educativos.

Reflexões acerca das desigualdades e das diferenças justificam este estudo. Entendemos que tanto a primeira como a segunda possuem elementos suficientemente fortes para influenciar o desempenho educacional dos alunos. No primeiro caso, a insuficiência de renda implica em condições concretas de sobrevivência. No segundo, os contrastes entre a identidade valorizada e a desvalorizada contribui para o aniquilamento das identidades não privilegiadas.

No dossiê desigualdade (2000) é possível confirmar a contradição que marca a vida de milhões de brasileiros, assim como as condições de miserabilidade e outras variáveis da desigualdade sentidas por uma parcela significativa da população, principalmente pelos que em função de suas identidades se afastam do perfil dominante. Deste modo, é possível compreender que as desigualdades atingem um público específico seja pela limitação

econômica, educacional ou cultural.

No caso da desigualdade de renda, a redistribuição seria uma possibilidade de minorar seus nefastos impactos. Já no que diz respeito às diferenças, muitos são os esforços empreendidos com a finalidade de oportunizar valorização, emponderamento e reconhecimento das identidades, por exemplo, a proposta levantada pelo multi/interculturalismo crítico.

Enquanto a interculturalidade funcional assume a diversidade cultural como eixo central, apontando seu reconhecimento e inclusão dentro da sociedade e do Estado nacionais (uni nacionais por práticas e concepção) e deixando de fora os dispositivos e padrões de poder institucional-estrutural-que mantém a desigualdade –, a interculturalidade crítica parte do problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença (colonial, não simplesmente cultural) que foi construída em função disso. O interculturalismo funcional responde e é parte dos interesses e necessidades das instituições sociais; a interculturalidade crítica, pelo contrário é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização (WASH, 2009, p. 21-22).

O estudo sobre as diferenças em nossa perspectiva não se desarticula da desigualdade, vislumbramos em nossas discussões o lugar social do sujeito, ou seja, o contexto social concreto que influenciou o perfilamento das identidades que nele se chocam e entrecruzam, por isso, a centralidade de duas categorias em nossas proposições: desigualdades e diferenças.

As proposições do multi/interculturalismo abarcam questões relacionadas às culturas e diversidades, conquanto quando falamos de um país como o Brasil marcado por diferenças e desigualdades, não é suficiente discutir culturas, precisamos situar estas culturas no espaço social e nas relações assimétricas e poder. A proposta que se segue, ainda em andamento, tem por finalidade analisar o exame em larga escala aplicado no ensino superior, ENADE (Exame Nacional de Desempenho do Estudante), a luz das contribuições multi/interculturalismo crítico.

Escolhemos como sujeitos da pesquisa participante, alunos de uma faculdade privada de pequeno porte situada na zona norte do Rio de Janeiro. A análise do questionário socioeconômico preenchido pelos alunos¹ da instituição revelou que uma parte significativa é oriunda de classes populares, além disso, constituída por um corpo discente formado por um quantitativo elevado de negros e pardos em relação aos brancos.

Com base no multi/interculturalismo crítico empreendemos para a avaliação nacional

¹ É importante destacar que participaram como sujeitos da pesquisa alunos que no ano de 2012.2 cursavam o penúltimo período, portanto inscritos para o ENADE na condição de concluintes nos seguintes cursos Direito, Turismo, e Gestão Comercial.

um olhar desestabilizador, tendo como objeto o SINAES (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior), com ênfase num de seus elementos constitutivos, ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes).

Segundo o Ministério da Educação (MEC):

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) analisa as instituições, os cursos e o desempenho dos estudantes. O processo de avaliação leva em consideração aspectos como ensino, pesquisa, extensão, responsabilidade social, gestão da instituição e corpo docente. O Sinaes reúne informações do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e das avaliações institucionais e dos cursos. (Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php/?id=12303&option=com_content&view=article, pesquisa realizada em fevereiro de 2013).

Dentre os possíveis paradigmas teóricos, adotamos o referencial do inter/multiculturalismo como eixo condutor para nossa análise, na medida em que auxilia, significativamente, a leitura acerca do objeto e também as proposições a serem formuladas, enfatizando as identidades e o lugar social dos indivíduos como elementos importantes no desempenho acadêmico.

Uma análise dos sentidos atribuídos ao multi/interculturalismo

Mesmo expressando o movimento por valorização das diferenças e pela reconstrução social, os sentidos multi/interculturais são diversos, indo desde uma tendência liberal comprometida com a preservação da ordem a uma perspectiva revolucionária ou crítica como propõe (MCLAREN, 1999). esta por sua vez, assume uma proposta mais ousada, transformar as relações sociais desiguais e a estrutura de poder vigentes, em função de suas influências marxistas e críticas.

Notamos que a perspectiva liberal descrita por McLaren (1999) se aproxima da interculturalidade funcional de Walsh (2009) no sentido que ambas caminham na direção da celebração e tolerância da diversidade sem qualquer interesse em tensionar as relações assimétricas. O multi/interculturalismo se classifica conforme sua agenda de compromissos.

As tendências multi/interculturais preocupadas com a equidade questionam as contradições sociais e desafiam práticas preconceituosas, tendo como categorias centrais as identidades - constituídas a partir de processos de identificações (HALL, 2006).

Decerto, não temos a pretensão de apontar o multi/interculturalismo como uma panaceia para educação, reconhecemos suas limitações, principalmente às relacionadas a sua abordagem funcional como apontam autores interculturais. Entretanto, suas contribuições, quando bem apropriadas oferecem subsídios para práticas, políticas e quem sabe avaliações que objetivam desnaturalizar a hierarquização e o monoculturalismo.

Na composição deste texto, apresentamos dados iniciais relativos às duas primeiras questões de nossa pesquisa.

1 -Como as identidades se relacionam com as supostas capacidades intelectuais desenvolvidas ou não pelos alunos e cobradas no Enade?

Bourdieu (1992) com suas categorias de capital cultural e *habitus*² apoia nossas reflexões, para além das condições socioeconômicas envolve a cultura e os hábitos como dimensões a serem consideradas nas inter-relações estabelecidas nos mais diversos contextos sociais, deste modo, as identidades se constituem mediadas por realidades condicionantes. Para Freire (2001), embora a contexto social não seja determinante, não é possível rejeitar seus aspectos condicionantes. É justamente, neste sentido que as desigualdades atuam de modo veemente, pois alicerçam e condicionam identidades e sobremaneira o *habitus* dos indivíduos.

Deste modo, sem qualquer pretensão fatalista, observamos que tanto o *habitus* como as identidades tendem a favorecer o desempenho dos estudantes seja pela aproximação com os temas apresentados na prova ou pelas oportunidades vivenciadas no lugar social ao longo da escolaridade. Sobre este assunto, indagamos a coordenadora do curso de Gestão Comercial, Vera³ e percebemos sua indignação com a avaliação. Em suas palavras, “o Enade é uma injustiça, sacrifica alunos, professores e instituições de ensino superior, pois ao lançar a nota das faculdades esquece a trajetória escolar e a vida social dos alunos. É como se começassem a vida acadêmica a partir do 3º grau”.

A partir do multiculturalismo, observamos que concomitante à cultura outros marcadores identitários deveriam compor nossa análise, dos possíveis, o espaço social, caracterizado como o lugar no qual as referenciais e experiências dos sujeitos são configuradas e reconfiguradas. E a partir de nossa colonização e mais adiante processos de opressão imperialista e capitalista, notamos que o tema da desigualdade tange de modo bastante significativo muitas identidades. Tais questões podem ser analisadas quantitativa e qualitativamente com base nos resultados do Enade se considerarmos as faculdades e seu lugar social.

Referências

BARROS, Ricardo Paes de, (2000). Te. al. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v 15, nº 42. Dossiê

² É importante destacar que embora apropriada por Pierre Bourdieu a categoria de *habitus* tem sua origem na tradição escolástica. Para efeitos deste estudo, focamos nas proposições associadas e redefinidas pelo autor em tela.

³ Nome fictício, primamos pelo anonimato das pessoas que ajudaram no desenvolvimento da pesquisa.

desigualdades.

BOUDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2007.

FREIRE, Paulo. Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

WALSH, Catherine. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. Candau, Vera Maria (org). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

<http://portal.mec.gov.br>